



Maravilha mantém réplicas da preguiça gigante em pontos estratégicos da cidade

FÓSSEIS. Local recebe grande número de pesquisadores e de estudantes

Preguiça gigante mudou economia de Maravilha

Descobertas transformaram o município numa área turística

ARNALDO FERREIRA
REPÓRTER

Um dos municípios pioneiros nas escavações das pesquisas paleontológicas em Alagoas foi Maravilha. Em 2001, foram encontrados numa das regiões mais pobres do semiárido fósseis de preguiças gigantes e de outros mamíferos da Era do Gelo. À medida que os anos se passavam e novos fósseis eram achados, pesquisadores de universidades do Brasil e de outros continentes passaram a visitar a região.

A peregrinação dos pesquisadores mudou a rotina da pequena cidade de dez mil habitantes. A economia, ainda muito dependente do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), ganhou um incremento. Para receber as rotineiras caravanas de estudantes, universitários, pesquisadores, turistas e peregrinos, a cidade construiu

o Museu da Paleontologia, que já recebeu a visita de quase 30 mil pessoas.

A partir daí, os empresários locais também investiram na infraestrutura: construíram uma pousada, bares, churrascarias, lanchonetes. O turismo incrementou novas atividades profissionais. Surgiram os guias e os pesquisadores locais, que levam os visitantes aos sítios paleontológicos que ficam perto da Serra da Caiçara.

O prefeito Carlos Luiz Marques (Luizinho), do PTB, também vem investindo na melhoria das trilhas que podem ser feitas caminhando, de bicicletas, motocicletas e carros. Atualmente quer incentivar a prática de esporte radicais na Serra da Caiçara, que tem 800 metros de altura e nos anos 1980 recebeu atletas de voos livres com asas-deltas.

Réplicas de preguiça gigantes, com seis metros de altura, estão em pontos estratégicos da área central e de sítios onde há vestígios de fósseis.

À porta do museu, há uma escultura de tigre-dente-de-sabre com três

Destaque

Prefeitura estuda construção de um portal para identificar a cidade como a terra dos fósseis de mamíferos da Era do Gelo

metros de comprimento.

PORTAL

Também há, na zona rural, tatus gigantes de tamanho de um Fusca e toxodontes (semelhante aos hipopótamos), entre outros mamíferos da Era do Gelo, destacou o secretário de Turismo, Luciano Lemos, ao acrescentar que a prefeitura estuda a possibilidade de construir, na entrada da cidade, que fica às margens da BR-316, um portal com a inscrição: "Maravilha, a terra dos fósseis de mamíferos da era do gelo".

As esculturas dos animais que viveram na região são feitas pelo artista Valdo Lima, de Carpina (PE), uma outra atração

do turismo de pesquisa. Ele também produz pequenas réplicas que são doadas aos estudantes e aos pesquisadores.

Os produtos de artesanatos e de pequena produção industrial da região aproveitam temas pleistocênicos.

O turismo de pesquisa também ajuda a movimentar e a desenvolver a economia local, frisou a secretária de Turismo, Maria José, ao destacar que estudantes e professores de universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e dos estados do Norte e Nordeste visitam regularmente Maravilha e desenvolvem pesquisas. Caravanas de estudantes de Alagoas também visitam o município.

No mês passado, a cidade foi a quinta do País a ser homenageada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que lançou o selo filatélico da Paleontologia Brasileira.

As outras cidades onde foi lançado o selo são: Curitiba (MT), Raimundo Nonato (PI) São Luís (MA) e São Paulo (SP).

Município tem grande potencial hídrico

Além dos fósseis, Maravilha guarda no subterrâneo uma imensa quantidade de água. É o que acredita a pesquisadora em Geologia, também do Museu de História Natural da Ufal, professora doutora Ana Paula Lopes. Ela desenvolve trabalho junto ao setor de Paleontologia. Uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) levou a professora encontrar pelo menos quatro nascentes naturais numa região até então considerada como seca e sem potencial hídrico.

As nascentes estavam no pé da Serra da Caiçara. Nos últimos cinco anos, elas nunca secaram. Porém, as pesquisas confirmaram que a água precisa de tratamento para o consumo humano.

As nascentes ficam próximas aos sítios onde foram encontrados os fósseis das preguiças gigantes, disse a professora ao acrescentar que já encontrou outras nascentes em Água Branca e em São José da Tapera.

Ao completar 14 anos de pesquisas, o setor de Paleontologia da Universidade Federal de Alagoas encontrou, até agora, no Ser-



Nascentes indicam que há grande quantidade de água subterrânea

tão e no Agreste, mais de 8 mil de fósseis depositados em sítios que contam parte da história dos mamíferos em nosso território. A ciência atesta descobertas de peças (ossos de mamíferos) que viveram no período siluriano devoniano, ou seja, do período de 400 milhões até 11 mil anos atrás.

Isso quer dizer que estão na coleção da Ufal fósseis do período paleozóico, do mesozóico e da era cenozoica. São fósseis de mamíferos de todas as

eras geológicas do território alagoano.

O setor agrega pesquisadores de Alagoas e Pernambuco, das áreas de Paleontologia e Geociência. Entre os nomes envolvidos nas pesquisas, se destacam Jorge Luiz Lopes da Silva, Johnson Sarmento, Ana Paula Lopes, Jefferson de Souza Lima, Marcos Nascimento, Lucas Ferreira e Yuri Asakura Bezerra.

O desenvolvimento das pesquisas do Museu de História Natural da Uni-

versidade Federal de Alagoas (Ufal) vai sair da Avenida Aristeu de Andrade, no bairro do Farol, em Maceió, e vai para o prédio do antigo Instituto de Ciências Biológicas (CCBI), no bairro do Prado, também área central da capital. O prédio está em reforma para abrigar todos os centros e os setores de pesquisa do museu e deve ser inaugurado no início de setembro, acredita o reitor Eurico Lôbo.

Desde 2001, o setor de Paleontologia trabalha em parceria com pesquisadores em Geologia. As pesquisas conjuntas com as universidades de Alagoas e de Pernambuco permitem encontrar novos mananciais, quase todos próximos aos sítios paleontológicos. Os resultados estimulam as comunidades, que sofrem com longos períodos de estiagem, e os pesquisadores.

Além de reconhecerem a importância do material descoberto até agora, os cientistas acreditam estar chegando próximo de informações extremamente relevantes sobre a mudança de clima, dos mamíferos extintos e as mutações que ocorreram nesta parte do continente. **AF**